

O comércio clandestino das 'fundições'

E enquanto as corretoras estudam a melhor forma de aplicar em ouro somas volumosas de donos de banco e indústrias, cresce no centro de São Paulo o chamado mercado clandestino do ouro. Este mercado compreende as áreas vizinhas à rua Barão de Itapetininga e praça da Sé, onde dezenas de placas carregadas por aposentados ou desempregados, em meio aos calçadões, trazem a inscrição comum: "Compro ouro. Tenho os melhores preços...". Na parte inferior da placa, o endereço do comprador.

O preço de compra varia hoje de Cr\$ 1.150 a Cr\$ 1.300 para um grama do ouro 18 quilates e as pessoas, portando anéis, velhos medalhões e correntinhas, ouvem desses "comerciantes" sempre a mesma explicação, quando procuram saber sobre a fórmula para avaliação de seus objetos: "Acompanhamos a Bolsa de Nova York" — afirmam, embora não contem com telex ou terminais que indiquem as cotações.

Um desses compradores, instalado num prédio da rua Marconi, junto à rua Barão de Itapetininga, há um ano mostra aos interessados uma revista contendo reportagem sobre o mercado nacional do ouro, indicando cotação Cr\$ 2.940 o grama. Até hoje, esta cota serve como parâmetro.

Mas se alguém quiser maiores detalhes do destino do ouro vendido, o comprador — na maioria das vezes — colocará o "curioso" para fora do pequeno escritório, cuja porta fecha com dispositivo automático de segurança. Motivo: muitos desses compradores — segundo a polícia — têm medo de especulações em torno de seu comércio, justamente, porque adquirem mercadorias roubadas e transformam-nas, através de um processo rudimentar de fundição.

Existem diversas "fundições" de ouro no centro da cidade. Todas operam de maneira semelhante. O ouro (em forma de jóia) é colocado num cadinho, fundido com a ação de maçarico — que funciona com oxigênio (ou gás de cozinha) —, sendo depois escorrido em canaletas (rileiras) e trabalhado em duas pequenas laminações. Fica, em seguida, imerso num ácido para "limpeza e embelezamento" e, finalmente, é moldado "a gosto do freguês" ou transformado em barras.

Corretores que atuam no mercado oficial, por seu lado, levantam questões sobre esse "comércio" a que ninguém sabe responder. Por exemplo: quanto em ouro é comercializado dessa forma na cidade, quem controla este mercado clandestino (existem boatos de uma máfia no setor) e a possibilidade de o ouro procedente de garimpos estar sendo manipulado nessas pequenas fundições.

Para Manoel Octávio Pereira Lopes, da corretora Bueno Vieira, entretanto, esse mercado clandestino tem seus dias contados. E argumenta: "O mercado já está oficializado há dois anos. Por isso mesmo, acredito que, naturalmente, a organização tratará de expulsar os marginais do setor".